Acervo ISA

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Opinião Class.: PIX WURR0000!

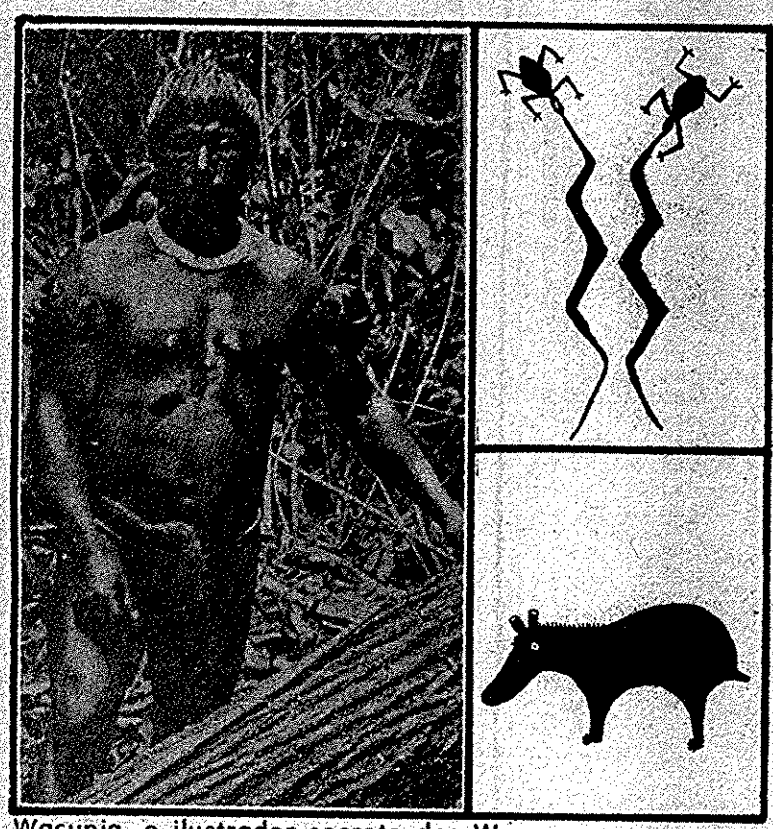
Data: 01.07.74 Pg.: 11

A experiência de um antropólogo de Oxford no Parque Xingu

MINHA VIDA COM OS WAURA

Depois de viver entre os índios Waura, Kenneth Brecher, um estudante americano da Universidade de Oxford, persuadiu os irmãos Villas Boas a entregar a ele um conjunto de notas que representam 30 anos de observação das tribos do Xingu. Brecher reuniu os textos em um livro Xingu. The Indians. Their Myths *(1), publicado há 15 dias na Inglaterra.*

Um relato da experiência de Brecher — que teve que disputar a sua comida com os cachorros da aldeia indígena até adquirir a confiança dos índios — e uma crítica do livro são aqui apresentados.



Wacupia, o ilustrador secreto dos Waura

"Finalmente, Sinaa mostrou ao visitante, um índio Juruna, o enorme bastão em forma de forquilha que suporta o céu, e disse: 'No dia em que nosso povo todo morrer, eu puxarei este bastão, e o céu cairá, e todos os povos desaparecerão. E aí será o fim de tudo'."

O homem que trouxe esta história e outros 30 mitos do Parque Nacional do Xingu teve que vencer os bastões dos índios e a desconfiança dos legendários irmãos Villas Boas antes de conseguir ganhar sua confiança.

Quando chegou, em 1969, ao território dos Waura, uma das 15 tribos do Xingu, Kenneth Brecher foi tratado como um cão. "Eu era o primeiro homem branco a viver entre eles", disse ele. "Eles diziam que eu não podia dormir numa rede, ou caminhar silenciosamente pela floresta, não podia caçar nem arranjar meu próprio alimento. Tudo o que eu tinha a oferecer eram algumas contas coloridas. Durante os primeiros meses, eles não me deram comida; pensavam que eu iria lutar com os cachorros por suas migalhas, na hora de comer. E foi assim mesmo. Aqueles cachorros... eram na verdade lobos domesticados. Eu pulava por cima deles para conseguir comida".

Depois de três meses, Kenneth conseguiu aprender um pouco da língua dos índios, o bastante para ser aceito por eles. Ele aprendeu principalmente com as crianças da tribo, já que os adultos demonstravam não ter paciência com seu atraso. A tribo finalmente concluiu que ele era o filho de um grande chefe que tinha sido enviado a eles para aprender como fazer objetos de cerâmica, atividade na qual eram eles os únicos artesões no Xingu.

Em seu apartamento de frente para o New College, em Oxford, que tem as paredes cobertas de máscaras e objetos de vime feitos no Xingu, Brecher mostra um grande pote de cerâmica feito para ele pelo chefe dos Waura. "Uma das primeiras coisas que eu compreendi foi o quanto eu sabia pouco sobre minha própria cultura", diz ele. "Os índios fazem tudo o que necessitam, mas quando minha caneta acabou, eles me perguntaram 'Por que você não faz tinta?' ".

Lentamente, ele conseguiu um lugar na tribo, mas nunca houve perguntas sobre o seu papel de antropólogo observador. Ele passava a maior parte do dia procurando comida, e de noite os homens da tribo se reuniam para psicanalisá-lo. "Todas as noites eles se sentavam em volta do fogo, e aquele que tivesse me observado por mais tempo durante o dia fazia um relatório completo do meu progresso — o que eu tinha falado, quantas vezes exatamente eu tinha urinado, e quantas palavras eu havia dito pela primeira vez.

Antes da aurora, eles me perguntavam o que eu tinha sonhado, e [illegible]inavam o que eu dizia, [illegible]ando alguma explicação. Os sonhos deles eram totalmente diferentes dos meus. Eles poderiam dizer, por exemplo, 'Sonhei que era um dente voando', ou 'Sonhei que era um cheiro' ".

Agora, Kenneth Brecher tem um despertador que toca dentro de sua cabeça todo dia às 6 da manhã em ponto. Os índios interrompem muito o seu sono, raramente dormem mais de duas horas seguidas, e demonstram não ter nenhuma compaixão com uma pessoa que esteja dormindo, quando desejam falar com ela. Eles simplesmente viram a sua rede e começam a conversar.

As necessidades fisiológicas do chefe também se revelaram uma carga para Brecher. "O chefe exerce um enorme poder sobre a tribo", lembra ele. "Ninguém ali acredita que ele seja apenas humano, e sendo um homem tão importante, ele não vai a lugar algum sozinho. Durante a estação das chuvas, quando todos os índios fazem uma dieta, principalmente de suco de mandioca, ele saía para urinar seis ou sete vezes por noite, levando toda a família, inclusive eu".

Brecher parece estar ainda sob o poder de uma espécie de pavor do chefe. O dia mais feliz de sua vida foi quando conseguiu peixe suficiente para alimentar o chefe e sua família. "Uma vez tomei coragem para falar com ele em termos abstratos. Eu disse: 'Quem é você'? Sem um minuto de hesitação, ele segurou minha mão e me perguntou o que estava faltando nela. Eu disse que não sabia. Ele apontou para o pedaço de pele entre o indicador e o polegar e deu-me uma elaborada explicação de que ele era descendente do sexto dedo".

Pondo à parte os antecedentes espirituais, ele era na verdade o último sobrevivente dos Custanau, a tribo que trouxe até eles um dos mitos dos Waura: "Se você quer matar um índio, aperte sua mão". Um explorador alemão, com considerável eficiência, apertou as mãos de todos os Custanau, em 1884. A tribo sucumbiu rapidamente a uma epidemia, exceto uma mulher que correu para os Waura: ela era a avó do chefe.

A importância dos mitos dos índios em seu modo de vida ficou logo evidente para Brecher. Uma história que pode vir um dia a fazer parte da mitologia índia é a dos próprios irmãos Villas Boas. É uma história que é repetida como um monumento à habilidade individual de conter a corrente de exploração pela pura força de vontade.

Em 1943, os irmãos Orlando e Cláudio, acompanhados de seu irmão mais novo, Leonardo, que morreu em 1961, guiavam a expedição Roncador-Xingu, uma coleção de rufiões e ex-condenados, que pretendia abrir caminho até o interior para começar a colonização. Mas eles fizeram os outros de tolos, ficando atrás para proteger os índios dos especuladores de terras, ladrões de borracha, garimpeiros de diamantes e caçadores que seguiram o seu rastro.

Mais tarde, eles tiveram que lutar contra os missionários, o governo e uma pocirenta estrada intercontinental, que recentemente se comprovou estar a 45 graus fora de seu rumo, ameaçando as 11.500 milhas quadradas do parque que os Villas Boas estabeleceram em 1961 (2).

Quando se apresentou a eles como antropólogo, Kenneth deve ter aparecido a seus olhos como mais um missionário. "Eles chamam os antropólogos de gigolôs, que deixam que os índios façam todo o trabalho e tomam para si o crédito", diz Brecher. Eles continuaram pouco impressionados com ele mesmo depois que ele os persuadiu a transformar suas anotações em um livro, até que um fato fortuito mudou sua atitude.

Quando uma mulher da tribo caiu seriamente doente de malária cerebral, Kenneth Brecher a carregou através dos pântanos até o posto dos Villas Boas. Seu irmão mais novo, Leonardo, tinha certa vez feito o mesmo ato de bravura, e isto elevou consideravelmente o crédito de Brecher junto a eles.

Eles seguem a regra de apenas contatar as tribos que estão sofrendo algum tipo de ameaça. Em certa ocasião, Brecher os acompanhou à procura da tribo Ahwaicuh depois que a questão da estrada se tornou ainda pior. Eles descobriu o segredo dos Villas Boas em seu notável sucesso em persuadir as tímidas tribos da floresta.

E qual era o segredo? "Aviões de plástico amarrados às árvores. Eles tinham tentado deixar presentes como arcos e argolas com algum sucesso, mas aos aviões os índios não podiam resistir. E quando eles aceitam um presente, seu impulso natural é dar outro em troca. É assim que funciona o trabalho deles, só que desta vez não funcionou. A tribo ainda não estava pronta para aparecer".

Os irmãos, segundo Brecher, são donos de grande sutileza. A habilidade deles para fazer amigos e influenciar pessoas se estende desde os altos funcionários aos médicos e estudantes de medicina que trabalham sem recompensa para inocular os índios do Xingu contra a civilização.

Os índios têm sido guardados com tal eficiência que poucos entre eles compreendem que os Villas Boas os têm protegido. Kenneth Brecher se sentiu obrigado a passar a mensagem adiante ainda mais violentamente no fim de sua estada lá. "Eu não tinha feito nada em minha passagem que pudesse ser útil para eles, exceto avisá-los do que poderia acontecer", diz ele. "Eu lhes disse que os próximos brancos a chegar ali não seriam como os Villas Boas, que eles viriam para tomar, não para dar. Eles ficaram muito preocupados, e depois disseram que tinham onde se esconder. Eles têm casas debaixo das árvores que são invisíveis de cima. Eles disseram que, já que os homens não podem caminhar, deveriam vir do céu".

Todas as evidências indicam o malefício que traz o contato com o mundo exterior, mas Brecher foi estimulado por uma experiência que iluminou a aguda percepção dos índios. Ele conseguiu que um homem da tribo Waura fosse com ele em avião de carga para fazer uma operação da hérnia em São Paulo, mas teve sérias reservas sobre os efeitos psicológicos que esta cidade poderia ter sobre o índio.

Por uma semana, o homem falou muito pouco, observou tudo intensamente, e então lançou sua acusação: "Como pode você voltar para este mundo depois de ter visto como nós vivemos? Como pode fazer amor com estas mulheres que tê medo de serem mulheres e se escond e cobrem seus olhos"?

Brecher perguntou ao homem se ele contaria à tribo o que vira. "Não", respondeu ele. "Eles não me acreditariam, e ficariam tristes de pensar que você tem de viver aqui. Talvez algum dia eu conte a meu filho sobre esta *tribo*. Talvez não".

As lendas contadas por Orlando e Cláudio Villas Boas são bizarras, vigorosas, muitas vezes violentas, e não conhecem barreiras entre a humanidade e os animais. A complicada trama destas histórias está fundada sobre os mitos do rio Xingu, e forma a base da história e dos precedentes sociais dos índios. Elas foram traduzidas do português para o inglês por Kenneth Brecher, que se familiarizou com as histórias contadas entre os Waura. Ele persuadiu um homem da tribo a ilustrá-las com uma notável série de desenhos que foi o seu primeiro ensaio nessa arte. O índio teve que completar os desenhos secretamente, para não ser acusado de praticar bruxaria.

"Não há qualquer separação entre a religião dos índios e sua vida diária", diz Brecher. "Eles encaram seus mitos como sua história definitiva, e vêem a si mesmos como descendentes diretos dos animais e personagens dos mitos. O seu senso de tempo, também, é totalmente diferente do nosso — eles usam a mesma palavra para o passado e o futuro.

"Os mitos são parte integrante e funcional de sua estrutura social. Quando há tensão entre os membros de uma tribo, o chefe narra uma história que tenha algo que ver com a situação, para tornar pública a dificuldade existente no relacionamento. É um teatro terrífico, feito para uma enorme audiência, com diferentes pessoas representando os vários papéis".

As histórias oferecem uma interpretação do mundo que descrevem, entre outras coisas, as origens do dia, do fogo, a formação dos rios e as características dos animais. De passagem, elas explicam mistérios tais como, por exemplo, como a lontra conseguiu o seu ânus, por que os peixes têm manchas coloridas, a criação das línguas pelos pássaros, e de como a escada que leva a uma terra de rejuvenescimento no céu nunca mais será baixada à terra. O horror dos índios pela recriação do mundo é tal que ainda hoje praticam infanticídio, quando nascem gêmeos.

Kenneth Brecher diz que os índios acham que o sangue é debilitante, e que os adolescentes frequentemente se sangram a si próprios. "Quando a Lua está no minguante, eles dizem que está menstruando", diz Brecher. "Na vila em que eu estive, as garotas vivem por dois anos ou mais enclausuradas, tão logo começam a menstruar. Durante este tempo elas engordam e ficam muito bonitas, e muitas descrevem este como sendo o melhor período de suas vidas".

O livro é original em vários aspectos. Poucos antropólogos observaram uma raça por mais de 30 anos, e certamente nenhum adquiriu o formidável conhecimento que os Villas Boas têm do Xingu. Eles forneceram a única informação digna de confiança sobre as tribos extintas e massacradas, e o primeiro mapa que mostra a localização das tribos sobreviventes. Eles tinham anteriormente pensado em não fazer isso, por causa da grande vulnerabilidade dos índios, mas a estrada os fez mudar de idéia.

Os irmãos não querem saber de estudos, ou técnica científica, o que, possivelmente, é exatamente o que torna o livro tão bom de ler. A sua descrição detalhada da terra e das mudanças de estações são dadas com uma autoridade gentil que talvez consiga dar uma idéia ao leitor de como tanta gente já sucumbiu ao ouvi-los falar.

Todos os direitos do livro estão sendo enviados aos irmãos Villas Boas para financiar um pequeno projeto de hospital. Como editor, Brecher diz que o sucesso do livro o recompensa bastante. "Espero que o livro possa mostrar a todos a riqueza e dignidade da vida dos índios, e a perda que elas sofreriam com uma política de total integração".

O que acontecerá quando a segurança que têm em sua vida, os Villas Boas, expirar? Brecher não sabe. Talvez eles removam o bastão em forquilha que sustenta o céu.

(1) Xingu. The Indians. Their Myths — *Por Orlando e Cláudio Villas Boas — Souvenir Press, 1974. 2 libras* (paperback) *e 3.50 libras (capa dura).*

(2) Nota da Redação: A estrada, de fato, cortou o parque, separando dele uma pequena parte ao norte. O governo, para refazer a extensão original do parque, integrou ao Parque Nacional do Xingu uma porção de terras correspondentes, ao sul.